

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

ARTE RUPESTRE DO MONTE DE GÓIOS (LANHELAS, CAMINHA). SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRABALHOS EFECTUADOS EM 2007-2009

Mário Varela Gomes¹

RESUMO

A nossa intervenção na arte rupestre do Monte de Góios, relevo da margem esquerda do fundo do estuário do Rio Minho, ocorrida de 2007 a 2009, deveu-se a projecto de minimização do impacto, na paisagem e no património cultural, devido à construção de via (A28/IC1 – Ligação a Caminha). Após a prospecção pormenorizada do terreno, foram documentadas dezoito rochas com arte rupestre, cinco das quais eram já conhecidas. As quase novecentas gravuras inventariadas, antropomorfas esquemáticas, zoomorfas (cavalos, colubrídeos e outros) e significativo conjunto de signos de carácter geométrico, apresentam longa diacronia pré e proto-histórica, suportada por relações estratigráficas, graus de desgaste e aspectos morfo-estilísticos. Elas integram santuários, com diferentes dimensões e registos iconográficos, de amplo espaço sócio-religioso correspondente ao Monte de Góios.

Palavras-chave: Monte de Góios, Gravuras rupestres, Santuário, Pré-História, Proto-História.

ABSTRACT

Monte de Góios is a relief on the left bank of the Minho River estuary inner part. Our archaeological work on Monte de Góios, between 2007 and 2009, was framed by a project to minimize the impact, of a new highway (A28/IC1 – Ligação a Caminha), in the landscape and cultural heritage. After thorough archaeological prospecting of the field, eighteen rocks, containing rock art, were detected, of which five were already known of. The almost nine hundred engravings catalogued – schematic anthropomorphs, zoomorphs (horses, snakes, and others) and a significant set of geometric signs – present a large pre and proto-historic diachrony, supported by stratigraphic relations, degrees of erosion and morphologic and stylistic aspects. They form sanctuaries, with different dimensions and iconographic records, in a broad socio-religious space corresponding to Monte de Góios.

Keywords: Monte de Góios, Rock art engravings, Sanctuary, Prehistory, Proto-history.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto deriva dos trabalhos, de campo e de gabinete, efectuados por exigência da actual legislação, que conduziu à efectivação do “*Projecto de minimização do impacto e implementação de medidas compensatórias, devido à construção do troço da via A28/IC1, Viana do Castelo – Caminha, ligação a Caminha*”.

Aqueles, decorreram de finais de Outubro de 2007 a Março de 2009, tendo como principais objectivos, a

detecção, protecção, registo e estudo da arte rupestre do Monte de Góios.

Não podemos deixar de expressar a nossa gratidão para com a Dr.ª Anabela Lebre e Dr. Pedro Faria, então arqueólogos do IGESPAR que, semanalmente, acompanharam a obra e o desenrolar dos trabalhos arqueológicos, defendendo firmemente o património e apoiando-nos de diferentes modos, mas procurando no diálogo as soluções para os problemas que foram surgindo.

Importa, ainda, registar que, de facto, o património

1. IAP / NOVA FCSH, Academia Portuguesa de Belas Artes, Academia Portuguesa da História, AAP; mvsgomes@fcs.unl.pt

arqueológico e, designadamente, o importantíssimo conjunto de gravuras pré e proto-históricas do Monte de Góios, não sofreu qualquer impacto negativo directo com a construção da via acima referida mas, bem pelo contrário, foi possível identificar muitas novas ocorrências de rochas decoradas, descobrir numerosas gravuras em superfícies já conhecidas e elaborar monografia, ainda inédita, que deve contribuir para a valorização científico-cultural e a divulgação daquele importante acervo, que se encontrava oculto ou abandonado, mas que ainda necessita da tomada de medidas tendo em vista a sua conservação.

2. LOCALIZAÇÃO

A Serra ou Monte de Góios, conforme localmente é mais conhecido o alto relevo que se ergue quase sobranceiramente à margem esquerda do fundo do estuário do rio Minho, situa-se a cerca de 8 km do Oceano. Trata-se de formação granítica, alongada no sentido nordeste-sudoeste, que atinge 344 m de cota máxima, possuindo encostas por vezes íngremes e contrafortes, sobretudo no lado sudoeste, como a elevação conhecida por Góios Pequeno, com 159 m de altura.

A norte e a nascente observam-se terrenos acidentados, serpenteando, a sudeste e a sul, o rio Coura, tal como dois dos seus afluentes da margem norte, o regato das Amoladouras e o rio de Ouro. Para sudoeste encontramos os terraços baixos da bacia do Coura e sucessão de pequenas elevações integrando a península que aquele curso de água e o rio Minho abraçam, enquanto a poente e a noroeste ocorre sequência de estreitos patamares e terraços aluvionares, que mal totalizam 1 km de largura, banhados na base por aquele último rio (cf C.M.P., nº 14, Caminha, I.G.E., 1997). O Monte de Góios abrange parte das freguesias de Lanhelas e Vilar de Mouros, pertencentes ao concelho de Caminha, tal como de Gondarém e Sopo, que integram o concelho de Vila Nova de Cerveira.

3. GEOLOGIA E AMBIENTE NATURAL

O Monte de Góios insere-se, em termos geomorfológicos, no conjunto de relevos, constituídos por rochas graníticas, que se desenvolve, em anfiteatro, a poente da Serra de Arga (747 m no v.g. Pedra Alçada), a chamada “montanha santa” pelas gentes da

região, rodeados por terrenos xistentos, mais precisamente entre os sectores terminais das bacias hidrográficas dos rios Minho e Coura.

Aquela elevação, constitui espécie de “ilhota granítica”, com forma subcônica, apresentando maior inclinação a vertente voltada a nascente, enquanto no lado contrário se observa sucessão de terraços que sobem a partir da estreita planície aluvionar do rio Minho (Teixeira e Assunção, 1961: 10). Mariano Feio (1948), observou que, na região mencionada, a plataforma litoral é muito estreita (1 a 4 km) e as linhas de relevo aproximam-se do mar, aspecto que raramente acontece na restante costa portuguesa.

A mole granítica, a que pertence o Monte de Góios, é da Idade Hercínica e faz parte do sector noroeste do Maciço Ibérico Antigo, ocorrendo a sudeste terrenos metamórficos do Silúrico, formados por xistos andaluzíticos e alguns gneisses.

Os granitos do Monte de Góios oferecem grão médio e sobretudo grosseiro, são do tipo alcalino, de duas micas, com cor branca acinzentada ou alaranjada e negra (biotite), normalmente, contendo turmalina. Mostram, não raro, espessos veios de quartzo branco, ali ocorrendo ainda rochas filoneanas, em veios ou massas aplito-pegmatíticas encaixadas (Teixeira e Assunção, 1961: 26, 33). No seu topo observam-se cristas rochosas, devido à erosão diferencial, com diáclases ortogonais e, nas vertentes, zonas constituídas por acumulações de blocos, de arestas boleadas intercalando com afloramentos.

Conforme escreveu Orlando Ribeiro (1961: 27) também aqui “*Nos aspectos da natureza e nas obras humanas, o granito é um traço essencial da paisagem de maior extensão (...)*”, caracterizando solos de alteração, com potencial agrícola.

Os vales envolventes apresentam-se, em geral, estreitos e declivosos, no fundo dos quais correm, principalmente durante o Inverno, linhas de água.

Na base da vertente poente, junto ao rio Minho, identificaram-se formações quaternárias em sucessão de terraços, contendo seixos rolados, de quartzito e quartzo, tal como indústrias paleolíticas (acheulenses e moustierenses) e epipaleolíticas, um deles entre os 5 m e 8 m, o segundo medindo de 15 m a 25 m, o terceiro situado entre os 30 m e os 40 m, o quarto entre 45 m e 55 m, encontrando-se o mais elevado entre os 60 m e os 70 m (Teixeira e Assunção, 1961: 14, 15). Contudo, tais indústrias ali ocorrem, igualmente, em altitudes superiores aos 100 m.

O actual coberto vegetal do Monte de Góios reflecte

a presença de ventos marítimos carregados de humidade, devidos à influência oceânica, provocando precipitação abundante, Invernos temperados e desenvolvendo paisagem verdejante. Ele apresenta colónias residuais de carvalhos e de castanheiros, embora esteja, em grande parte, invadido por pinheiros, espécie própria das terras litorais, e eucaliptos, encontrando-se, não raro, bouças, com os seus rudes muros graníticos de protecção.

Algumas zonas mostram profundas feridas devido à exploração de granito, que ocorreu, pelo menos, desde o século XVI e até à actualidade, conforme numisma cunhado no reinado de D. Sebastião que encontramos em uma delas. Ali ficaram crateras, mais ou menos largas e profundas, blocos cortados, montões de fragmentos e caminhos, alguns abertos nos afloramentos rochosos, tendo em vista melhor permitirem a passagem dos carros de bois e das pesadas cargas que transportavam.

Tais explorações de pedra afectaram, tanto a grande laje gravada do sítio das Carvalheiras, como o conjunto de rochas do Cruzeiro Velho, passando caminho, com rodados escavados no substrato, junto a rocha decorada do Castelhão. Também o alargamento de via adjacente à grande laje profusamente decorada das Fogaças, amputou parte desta, hoje nos limites da povoação de Lanhelas.

4. INVESTIGAÇÃO

A grande figura tutelar e pioneira da Arqueologia do Norte de Portugal, Francisco Martins Sarmiento (1999: 386) refere, em 1887, laje com gravuras, no sítio da Chã, em Lanhelas, de que lhe fizeram um desenho e que estava a ser destruída. Contudo, a sua preservação foi conseguida graças à intervenção daquele investigador junto do então presidente da Câmara Municipal de Caminha. O mesmo arqueólogo menciona machado de bronze, com dois anéis, precedente de Lanhelas, citando outros artefactos, no mesmo metal, provindos do Castro de Mouros (Castro de Vilar de Mouros), situado a 1 km para sudeste daquela povoação (Sarmiento, 1999: 446).

Decorrida mais de meia centúria sobre a notícia e as diligências de F. Martins Sarmiento, Mário Cardozo (1951: 47-49, fig. 53) publicou nota avulsa daquele sobre a resolução camarária de impedir o despedaçamento da laje insculturada referida e informa que esta se encontrava “*em terreno baldio no sítio da Fogaça, lugar da Boucinha, junto à Bouça do Covê-*

llo”. É, ainda, Mário Cardozo que relata as diligências tomadas pela Sociedade Martins Sarmiento, em 1926, junto do pároco de Lanhelas, acerca do estado de conservação da superfície gravada, hoje conhecida por Laje das Fogaças. Aquele terá respondido que a mesma se encontrava intacta e que a cerca de 100 m existia outra rocha gravada, que presumimos poder corresponder à maior das existentes na Chã das Carvalheiras.

Todavia, novas diligências efectuadas, em 1948, davam conta que a Laje das Fogaças se conservava, embora junto habitasse fogueteiro, o que condiz com informação de A. Viana (1929: 283, nota 1) que regista ali existirem “*pavilhões de uma oficina de pirotecnia*”, aliás activa até aos finais do século XX e pertença da empresa “*Libório Fernandes, Lda*”.

Importa, igualmente, registar a observação feita por F. Martins Sarmiento (1999: 112), em 1879, dada a confusão em que alguns autores incorrem ao classificarem gravuras pré-históricas como históricas, nomeadamente quando se trata de cruciformes, tendo aquele deixado explícito: “*Em Vilar de Mouros vi ainda o costume do rapazio gravar cruces em lajes*”. Esta prática, ao que parece então isenta de simbolismo, deve, pois, explicar a abundância de cruciformes encontrados em algumas zonas do Monte de Góios e, portanto, próximo de Vilar de Mouros, tal como em outros lugares vizinhos.

Quase quarenta anos depois da notícia de F. Martins Sarmiento, E. Jalhay, a quem também muito deve a investigação arqueológica nacional, volta sumariamente a referir as mesmas rochas gravadas (1926; 1932: 128, ests X, XI, figs 6, 7; 2002: 41, figs 6, 7). Mas, deve-se ao infatigável A. Viana, que foi professor em Lanhelas, notícia mais completa das gravuras do Monte de Góios, principalmente de duas das suas mais importantes rochas decoradas.

O último autor mencionado, elaborou um primeiro texto, publicado em 1929 na revista *Portucale*, onde descreve, sinteticamente, quarenta e uma figuras da Laje das Fogaças, que situa na Chã das Castanheiras e de que oferece levantamento, tal como treze figuras da Laje da Chã das Carvalheiras, a par de conjunto de gravuras do Penedo do Trinco ou Pedra Picadeira e de outro existente em laje da Bouça Velha (Viana, 1929).

Em 1960 A. Viana deu à estampa artigo sobre os mesmos testemunhos, descrevendo igualmente penedos insculturados de Carreço, infelizmente hoje destruídos.

Ali se repetem as descrições das figuras reconhecidas na Laje das Fogaças, as da Laje da Chã das Carvalheiras, Penedo do Trinco e Bouça Velha, onde também existiam cruciformes modernos, sem, contudo, mostrar preocupação em relação à integração cultural ou à atribuição cronológica de tais ocorrências. Trabalho de síntese, do mesmo autor (Viana, 1963: 62, fig. 68), contém figura com os principais motivos detectados nas lajes insculturadas de Lanhelas, sem que sobre elas ofereça novas informações.

Rui de Serpa Pinto (1929: 23), haveria igualmente de registar aqueles testemunhos, tal como uma década depois J. R. dos Santos Júnior (1940: 356), sem elaborar quaisquer considerações sobre os mesmos, então quase caídos no esquecimento.

R. S. Lorenzo-Ruza (1957: 55) que, tal como seu pai R. Sobrino-Buhigas dedicou parte do seu labor científico aos petróglifos do Noroeste Peninsular, a que por vezes denomina de “galego-portugueses”, estudou os exemplares minhotos, tendo referido as gravuras de Lanhelas.

Pequena nota sobre jazidas arqueológicas da região de Caminha, inserida na “Notícia Explicativa” da sua *Carta Geológica*, não deixou de mencionar as gravuras de Lanhelas (Teixeira e Assunção, 1961: 37).

Raúl Proença (1965: 1065), no “Guia de Portugal”, dedicado ao Minho, não esqueceu de referir os “*penedos com insculturas rupestres*” da Chã dos Castanheiros, no Monte de Góios, em Lanhelas.

Aquelas significativas manifestações artísticas rupestres foram, apenas, cartografadas por E. Anati (1968: 8) na sua importante obra “*Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*”, autor que, embora tivesse percorrido os mais importantes arqueossítios com arte rupestre da Galiza e do Norte de Portugal, não as visitou.

Em 1972, M. Farinha dos Santos publicou síntese, com grande divulgação, sobre a Pré-História portuguesa, ali aludindo, muito imprecisamente, às gravuras da Laje das Fogaças e da Chã das Carvalheiras, embora ilustrasse o seu texto com duas fotografias coloridas daquela primeira rocha (Santos, 1972: 116, 117, 122, 123, figs. 109, 110).

Trabalho monográfico, sobre o concelho de Caminha, trata da freguesia de Lanhelas e apenas sintetiza o que sobre as gravuras do Monte de Góios escreveu A. Viana (Alves, 1985: 180).

No entanto, a Laje das Fogaças e a Laje da Chã das Carvalheiras foram mencionadas em texto, sobre a arte rupestre holocénica portuguesa, da autoria de

A. M. Baptista (1986: 47, 48), como contendo “*zoo-morfos semiesquemáticos*”, que integrariam grupo de gravuras datáveis “*entre o Calcolítico e o Bronze Final-Ferro Inicial*”. Não obstante, este mesmo autor não lhes dedicou qualquer referência em um seu importante texto sobre a arte rupestre do Norte de Portugal (Baptista, 1983-84).

F. J. Costas Goberna e P. Nóvoa Álvarez (1993: 76, 94, 95, 120), confundiram cavaleiro da laje 1 da Chã das Carvalheiras com cena de equitação de veado, em livro onde publicam fotografia e “frottage” de cervídeo daquela rocha, sob a designação genérica de Lanhelas, tal como acontece com fotografia da grande corça da Laje das Fogaças. Também dão a conhecer dois equídeos, um deles com cavaleiro, da laje 1 da Chã das Carvalheiras, embora os indiquem, erradamente, como de Parada (Campo Lameiro, Pontevedra), mostrando a pouca atenção que as gravuras de Lanhelas lhes despertaram.

Não deixámos de registar a descoberta e as referências existentes às gravuras de Lanhelas, em artigos de síntese sobre a arte rupestre portuguesa, sublinhando o reconhecimento da importância daquelas por parte de F. L. Cuevillas (1943) ao alargar a distribuição geográfica do seu Grupo C, dos petróglifos do Noroeste Peninsular, à margem esquerda do rio Minho (Gomes, 2002: 145, 147, 153; 2007: 123).

Em Abril de 2004, Lara Bacelar Alves e Margarida da Silva Monteiro procederam à prospecção das áreas do Monte de Góios a serem afectadas pela construção da via A28/IC1- Ligação a Caminha, com o objectivo de realizarem estudo de impacto no património, provocado por tal empreendimento. Os trabalhos decorreram, apenas, de 26 a 30 do mês citado, e deles foi apresentado relatório no mês seguinte.

Naquele consta “Inventário das Ocorrências Patrimoniais”, elencando-se quinze sítios com manifestações de arte rupestre, tidos como pré ou proto-históricos, incluindo somente dois dos divulgados por A. Viana, dado que os outros dois não foram detectados. No entanto, alguns de tais sítios correspondem a rochas contendo acidentes naturais ou o resultado da acção erosiva provocada por agentes meteóricos, embora tenham sido tomados por gravuras (n^{os} 38, 39). Importa referir que as rochas inventariadas não foram limpas, da terra, líquenes e musgos que, pelo menos em parte, as cobriam, nem foi registada a sua principal iconografia, tendo em vista uma correcta avaliação científica, o que viria a reflectir-se, negativamente, no estudo de impacto elaborado e nas

opções subsequentes de minimização daquele, no projecto da obra a realizar.

Nova prospecção, da responsabilidade de Lara Bacelar Alves, foi efectuada em Março e Abril de 2005 e, uma terceira, em Novembro e Dezembro desse mesmo ano, que durou seis dias, após incêndio, ocorrido nesse Verão, na encosta meridional do Monte de Góios, e que eliminou a densa vegetação que aí existia. Dão conta dos trabalhos efectuados e dos resultados alcançados, dois relatórios; um com data de Dezembro de 2005 e outro de Fevereiro de 2006, que o completa. É neste momento que se passou a referir e a tentar caracterizar o “Santuário com Arte Esquemática do Monte de Góios”, que se diz ser formado por 39 rochas decoradas, situadas sobretudo na zona denominada Tapada das Cruzes (Alves, 2005; 2006).

Os trabalhos no Monte de Góios, realizados por Lara Bacelar Alves fizeram despertar esta para a importância daquele tão esquecido acervo, sendo resultante de tal tomada de consciência dois textos publicados em 2005. Em um deles mostram-se duas fotos da Laje das Fogaças (Silva e Alves, 2005), escrevendo-se no outro, espécie de breve roteiro dos petróglifos do Minho, que elas *“guardam os melhores exemplares destes motivos clássicos de uma tradição artística pré-histórica que se expande pela fachada atlântica do Noroeste Peninsular”* (Silva e Alves, 2005a: 190-196). Em 2010, Joana Valdez apresentou gravuras do Monte de Góios, no estudo de tal técnica de representação na arte esquemática, em abordagem a que importou sobretudo a localização dos testemunhos. A mesma autora haveria de discorrer sobre a arte rupestre dita esquemática e a chamada atlântica, a partir das gravuras do Monte de Góios (Valdez, 2013).

5. METODOLOGIAS

Parece actualmente incontestável que o sucesso de qualquer investigação arqueológica, depende em grande parte das metodologias usadas, designadamente na recolha e tratamento da informação disponível, ou empírica. Nesta assentam os pressupostos teóricos e os modelos, tanto capazes de explicarem as materialidades, como de provocarem as questões que elas reflectem, nos âmbitos económico, social, tecnológico e cognitivo, ou espiritual, das comunidades que foram responsáveis pelos testemunhos arqueológicos chegados até nós.

O registo fiável das manifestações de arte rupestre é, reconhecidamente, tarefa importante e, desde logo, uma das mais complexas no estudo daquelas. Ele respeita à elaboração de levantamentos exaustivos e de inventários completos das rochas decoradas, das suas características e dos motivos nelas gravados, integradas na paisagem envolvente.

Os nossos trabalhos de campo no Monte de Góios iniciaram-se com a prospecção sistemática de rochas decoradas, durante o dia e à noite, com luz artificial rasante, o que viria a mostrar-se proveitoso, dado termos reconhecido novas superfícies gravadas. Para haver completa certeza de que não seriam esquecidos quaisquer de tais testemunhos, libertaram-se da vegetação rasteira, de finas camadas de terra, como de mantos de musgos, líquenes e algas, todas as superfícies que suspeitámos poderem conter gravuras.

Nas rochas onde já se conheciam gravuras e nas onde aquelas foram então identificadas, puseram-se à vista os seus limites naturais e fez-se a prospecção exaustiva da iconografia.

Registaram-se, através de decalque directo e, portanto, à escala natural (esc. 1/1), sobre plástico transparente de polivinilo, todas as gravuras como os principais acidentes, naturais ou devidos a acção antrópica, existentes nos suportes. Este trabalho foi produzido durante a noite, utilizando-se luz artificial rasante, tendo em vista melhor visualizarmos as gravuras e podermos estudar a sua constituição. Todos os decalques foram executados pelo signatário. Elaborou-se, para cada superfície decorada, ficha descritiva contendo a sua localização e as características do suporte, identificadas no campo, catálogo do seu reportório iconográfico, com os principais atributos de cada gravura e comentário, de carácter arqueológico e cultural.

No catálogo das gravuras constam a forma reconhecida, a localização no suporte e atributos essenciais, como técnica de execução, forma e dimensões dos levantamentos que as enformam, tipo de linhas ou de manchas que eles constituem, graus de desgaste, estratigrafias verticais e horizontais ou associações, quando existem, outros aspectos julgados pertinentes e dimensões.

Quando o número de motivos identificados em certas rochas é elevado e, sobretudo, se detectaram diferentes fases de realização, foram elaborados quadros-síntese da sua iconografia, com as diacronias relativas observadas.

Nas diferentes tarefas de campo, colaboraram os arqueólogos Joana Gonçalves, Tânia Casimiro e Telmo Silva. Levantamentos, utilizando sistema de varrimento tridimensional por luz estruturada (Mephisto 3D) das rochas 1 da Boucinha, 1 das Carvalheiras e Laje das Fogaças, elaborados por Hugo Pires, da empresa Superfície – Geomática, permitiram, no terceiro sítio, identificar algumas novas gravuras e completar aspectos do registo tradicional.

6. INFORMAÇÃO EMPÍRICA

A apresentação que segue fez-se de norte para sul e, além do micro-topónimo atribuído a cada rocha, incluiu-se o número de ordem correspondente ao registo da totalidade das ocorrências de superfícies gravadas, mesmo que se tratasse de inscrições ou de cruciformes modernos.

Bouça Velha (r. 69)

Localização: Situa-se a cerca de 100 m, para norte, do Cruzeiro Velho e 200 m, para sudeste, da capela de São Martinho, não muito longe do Km 98 da EN 13, constituindo a superfície gravada a cota mais baixa e mais a norte do conjunto rupestre do Monte de Góios (c.g. -53901.3848; 249475.5710, altitude: 56,6 m).

Suporte: Trata-se de enorme afloramento de granito possuindo grão médio, com forma hemisférica achatada (batólito), embora mostrando, na parte superior, duas superfícies planas; uma menor voltada para norte e outra, a maior, dirigida para sul e onde se encontram as gravuras. Esta mede 6,70 m de comprimento, 5,60 m de largura máxima e apresenta 15° de inclinação.

(Quadro I)

Cruzeiro Velho 1 (r. 97)

Localização: No topo de elevação, situada 300 m a nordeste do Cruzeiro Velho e a 750 m, para noroeste, do v.g. Monte de Góios (c.g. -53784.574; 249467.508, altitude: 74,62 m).

Suporte: Grande afloramento de granito, de grão médio a grosseiro, contendo, no topo, superfície sub-horizontal. As gravuras, muito erodidas, devido à acção dos agentes meteóricos, conservam-se, no canto sudeste, zona naturalmente mais protegida. Mede 6,25 m de comprimento e 6,45 m de largura máxima, na área mesial. A diferença de cotas, entre a zona decorada e o solo, no lado poente, é de 3,00 m.

Foram reconhecidos três motivos gravados; dois conjuntos de círculos concêntricos e trapézio, de linhas mais largas e profundas, talvez ulterior àquelas, dispostos em linha orientada, aproximadamente, no sentido sudeste-noroeste.

Cruzeiro Velho 2 (r. 5)

Localização: No cimo de grande afloramento rochoso, situado a pouco mais de uma centena de metros, para nascente, do Cruzeiro Velho e a 250, para sudeste, da capela de São Martinho. No mesmo local encontram-se as rochas decoradas, denominadas Cruzeiro Velho 3, 4 e 5 (c.g. -53887.441; 249357.707; altitude: 86,53 m).

Suporte: Laje de granito, com grão médio, na metade superior sub-horizontal e na restante área inclinada cerca de 30°, no sentido norte-sul, encontrando-se definida por profundas fracturas. Mede 12,60 m de comprimento e 4,20 m de largura máxima.

(Quadro II)

Cruzeiro Velho 3 (r. 96)

Localização: No topo de grande afloramento onde se encontram as superfícies denominadas Cruzeiro Velho 2, 4 e 5 (c.g. -53893.212; 24955.214, altitude: 86,32 m).

Suporte: Grande laje, de granito, com grão médio a grosseiro, mostrando largos veios de quartzo branco, dispostos no sentido nascente-poente. Encontra-se inclinada para poente. Mede 13 m de comprimento por 2,70 m de largura. Reconheceram-se, apenas, um trapézio e uma covinha.

Cruzeiro Velho 4 (r. 95)

Localização: No grande afloramento que temos vindo a referir, mas em zona de cotas mais baixas (c.g. -53893.212; 249355.214, altitude: 84,55 m).

Suporte: Superfície, de granito com grão médio a grosseiro, sub-horizontal, parcialmente amputada, devido à exploração de pedra. Mede 3,20 m de comprimento por 2,20 de largura máxima. A zona decorada, no lado norte, apresenta 1,50 m de comprimento e 1,00 m de largura máxima.

(Quadro III)

Cruzeiro Velho 5 (r. 100)

Localização: Situa-se perto do topo do afloramento rochoso que temos vindo a mencionar, entre as superfícies denominadas Cruzeiro Velho 3 e Cruzeiro Velho 2, das quais se encontra separada por profun-

das fracturas (c.g. -53887.441; 249357.707, altitude: 86,37 m).

Suporte: Superfície de granito, fazendo parte de extenso afloramento que se impõe na paisagem devido à sua altura. Encontra-se inclinada no sentido nordeste-sudoeste, com a parte mais alta correspondendo àquela primeira direcção. Mede 2,80 m de comprimento, no sentido norte-sul, e 1,60 m de largura máxima. As gravuras ocupam área da metade nascente, medindo 1,00 m por 0,80 m.

(Quadro IV)

Cruzeiro Velho 6 (r. 3)

Localização: Na vertente ocidental do Monte de Góios, próximo do afloramento onde se encontram as rochas Cruzeiro Velho 2 a 5 (c.g. -53961,154; 249338,345; altitude: 59,34 m).

Suporte: Superfície superior de bloco granítico, de grão médio. Oferece contorno poligonal e é sub-horizontal, mostrando 15° de inclinação, no sentido sudeste-noroeste. Mede 1,39 m de comprimento e 1,29 m de largura máxima, na área mesial. Mostra duas covinhas e antropomorfo em forma de duplo Φ .

Boucinha 1 (r. 34)

Localização: Pertence a enorme afloramento, situado a cerca de 500 m para nascente de Lanhelas e a 200 m para nor-noroeste da rocha conhecida por Carvalheiras 1 (r. 53). Na mesma zona encontram-se as rochas Boucinha 2 e 3 (c.g. -53964,019; 249022,400; altitude: 96,98 m).

Suporte: Grande laje de granito, de grão médio, sub-horizontal, com a zona mais alta no lado poente e 8° de inclinação, no sentido este-oeste. Mede 14,80 m de comprimento e 12,00 m de largura máxima, na área mesial. Apresenta, no lado norte, sector mais alto e decorado, medindo 2,80 m de comprimento e 1,50 m de largura máxima. Oferece, quase ao centro, outro núcleo de gravuras, encontrando-se as restantes dispersas pela sua superfície. Contém largos veios de quartzo, de cor branca, sobretudo orientados no sentido nascente-poente.

(Quadro V)

Boucinha 2 (r. 90)

Localização: Faz parte de extenso afloramento, situado 500 m a nascente do local conhecido por Anta, hoje integrado em Lanhelas, e a cerca de 250 m, para nor-noroeste, da superfície decorada denominada Carvalheiras 1 (r. 53) (c.g. -53975,382; 249042,090;

altitude: 95,06 m).

Suporte: Grande laje, sub-horizontal, de granito de grão médio. Ao centro da metade norte observa-se figuração de ofídio e, no topo, daquele lado, a cerca de cinco metros, covinha. O sector que contém a imagem de ofídio, delimitado por fracturas profundas, mede 4,32 m de comprimento por 2,20 m de largura máxima.

Boucinha 3 (r. 31)

Localização: Grande afloramento, situado a cerca de 600 m, para este-noroeste, do v.g. Monte de Góios e a 40 m, para nordeste, da rocha Boucinha 2 (r. 90) (c.g. -53954,403; 249078,006; altitude: 96,05 m).

Suporte: Enorme superfície granítica, de grão médio, plana e inclinada para norte. O sector que apresenta gravuras mede 6,60 m de comprimento e 4,50 m de largura máxima. Aquelas surgem, apenas, na metade superior, ou seja, no seu lado sul. Detectaram-se vinte e duas gravuras (podomorfo, círculo, barra, espiral de covinhas e dezoito covinhas dispersas).

Carvalheiras 1 (r. 53)

Localização: No lado sul da Chã das Carvalheiras, em zona, que foi utilizada como pedreira, possivelmente no século XVI, dado numisma que ali descobrimos.

Suporte: Trata-se de grande afloramento, com a superfície inclinada, encontrando-se a zona superior no lado poente, delimitado e atravessado por profundas fracturas. Apresenta espessos veios de quartzo branco, orientados nordeste-sudoeste. A área decorada mede 11,90 m de comprimento, 6,50 m de largura máxima, na zona mesial, e tem 16° de inclinação (c.g. -53967,355; 248808,930, altitude: 107,67 m).

(Quadro VI)

Carvalheiras 2 (r. 66)

Localização: No lado nascente da Chã das Carvalheiras, a cerca de 100 m para nascente da laje 1 das Carvalheiras (c.g. -53887,060; 248822,231, altitude: 112,77 m).

Suporte: Trata-se de grande afloramento, elevado acima do nível do solo, orientado, segundo o comprimento, no sentido norte-sul. Apresenta grande desnível no lado poente, onde é quase vertical e, no lado contrário, assenta muro de pedra solta, construído com grandes blocos de granito. Mede 18 m de comprimento e 6,5 m de largura máxima.

(Quadro VII)

Carvalheiras 3 (r. 93)

Localização: Na Chã das Carvalheiras, a aproximadamente 80 m, para norte, da laje 1 das Carvalheiras (c.g. -53951.826; 248905.182; altitude: 100,23 m).

Suporte: Grande laje, sub-horizontal, com contorno poligonal e pouco elevada acima do solo. Jazia parcialmente coberta por fina camada de sedimentos, depositados há não muito tempo e onde crescia alguma vegetação rasteira. Encontra-se delimitada e subdividida por profundas fracturas. Mede 10,08 m de comprimento e 3,46 m de largura máxima.

(Quadro VIII)

Carvalheiras 4 (r. 94)

Localização: Na vertente voltada para poente, do Monte de Góios, cerca de 400 m, para nascente, da rocha denominada Carvalheiras 1, perto de caminho que percorre, a meia altura, aquele relevo, aproximadamente a 300 m, para ocidente, do v.g. Monte de Góios (c.g. -53826,202; 2488,476; altitude: 143 m).

Suporte: Grande afloramento de granito, de grão médio a grosseiro, possuindo desenvolvida superfície voltada para sul, inclinada cerca de 45°. Encontra-se parcialmente coberto por terra e mostra acentuada erosão, designadamente na zona a menor cota. Mede 5,34 m de comprimento e 4,52 m de largura máxima, no sentido nascente-poente.

(Quadro IX)

Laje das Fogaças (r. 52)

Localização: Encontra-se à entrada da denominada, Chã das Castanheiras, na parte alta da povoação de Lanhelas, junto à rua da Boavista e é propriedade da Dr^a Maria de Deus Carro Fernandes. Até ao ano 2000 ali funcionou indústria de pirotecnia da empresa Libório Fernandes, Lda (c.g. -54100.348; 248913.859, altitude: 67,57 m).

Suporte: Trata-se de enorme afloramento de granito, com grão médio a grosseiro, atravessado por largos veios de quartzo branco, com superfície, inclinada cerca de 30°, voltada a Sul. A zona superior, quase horizontal, foi parcialmente cortada e em parte coberta por camadas de cimento. Na zona oposta, de cota mais baixa, a superfície rochosa foi desmontada, possivelmente quando do alargamento do caminho que ali passa e da construção do muro que delimita a propriedade. Mede 16,60 m de comprimento, no sentido norte-sul e 12 m de largura máxima. Todavia, as gravuras ocupam área medindo 14 m de comprimento por 9 m de largura, ou seja, com 126 m². No

lado noroeste esta superfície encontra-se sobreposta por escada, com dez degraus e patamar, de cimento. (Quadro X)

Cachadinha 1 (r. 99)

Localização: Em pequeno planalto, situado a norte das casas da Cachadinha, pertencente aos contrafortes de vertente sul do Monte de Góios. A cerca de 200 m para poente corre o rio de Ouro, afluente da margem direita do Coura (c.g. -53899.618; 247501.951, altitude: 56,43 m).

Suporte: Corresponde ao sector sudeste de grande afloramento de granito, com grão médio, sub horizontal e apenas parcialmente coberto por delgada camada de terra. A sua superfície encontra-se muito erodida, devido à acção dos agentes meteóricos, mostrando, nas zonas mais expostas àqueles, cor cinzenta escura, tal como fissuras e estalamentos diversos. A zona decorada mede 2,30 m de comprimento e 1,60 m de largura. Apresenta, actualmente, três conjuntos de dois círculos concêntricos e uma covinha.

Cachadinha 2 (r. 43)

Localização: Encontra-se quase no topo da encosta sul de pequena linha de água, afluente da margem direita do rio Coura, a nordeste da aglomeração de casas do sítio da Cachadinha (c.g. -53798.524; 247537.556, altitude: 37,33 m).

Suporte: Superfície pertencente a enorme afloramento granítico, de grão médio a grosseiro, oferecendo forte inclinação, na direcção norte, e delimitado por profundas fracturas. Mede 8,40 m de comprimento e 5,20 m de largura. Mostra onze covinhas dispostas em linha recta e círculo contendo covinha no centro.

Castelhão 1 (r. 45)

Localização: A sul do Monte de Góios, na encosta sobranceira à margem esquerda do rio Coura e a cerca de 150 m deste. No lado sul desta rocha passava antigo caminho, mostrando restos de rodados escavados no substrato (c.g. -53393.2511; 246662.1346, altitude: 41,05 m).

Suporte: Afloramento de granito, possuindo grão médio a grosseiro, de cor cinzenta clara, oferecendo três grandes planos sub-horizontais, delimitado por profundas fracturas. Encontrava-se parcialmente coberto por sedimentos modernos e as suas superfícies exibem elevado grau de erosão, tal como fracturas e fissuras diversas. Mede 7,50 m de com-

primento e 6,50 m de largura.
(Quadro XI)

7. CONCLUSÕES

Os testemunhos de arte rupestre, conhecidos desde os finais do século XIX e os recentemente identificados, permitem que consideremos o Monte de Góios, uma montanha sagrada, da Pré e Proto-História, cuja localização e características naturais terão sido determinantes para tal reconhecimento.

As quase novecentas gravuras estudadas, distribuídas principalmente por meia dezena de sítios da vertente poente do relevo mencionado, apresentam longa cronologia, possivelmente ainda ascendendo aos finais do Paleolítico Superior e atingindo os Tempos Históricos. Todavia, a grande maioria das representações rupestres chegadas até nós pertence aos finais da Pré-História e à Proto-História, nomeadamente às Idades do Bronze Inicial, Médio e Idade do Bronze Final, tal como a diferentes momentos da Idade do Ferro, talvez mesmo alcançando os primórdios da Romanização. Podemos, em breve síntese, indicar que a um primeiro momento corresponde à presença de grandes animais, de estilo subnaturalista, a um segundo raros zoomorfos de estilo estilizado dinâmico, enquanto a um terceiro atribuímos antropomorfos esquemáticos, idoliiformes e alguns ideograma geométricos. Um quarto momento integra vasta iconografia de carácter geométrico, como círculos, simples ou organizados em conjuntos concêntricos, círculos com ponto ou covinha central e espirais, podendo ser classificado na Idade do Bronze Inicial ou Médio (II milénio a.C.), quando se desenvolveu, no Noroeste Peninsular, forte interacção económica e cultural, tanto com o Mundo Atlântico como com o Mediterrâneo, devido à presença de ouro e de minério de estanho, de que se reconheceram restos de explorações nas proximidades do Monte de Góios. Por fim, repertório constituído pelas representações de pequenos equídeos, longos colubrídeos, alguns enrolados em espiral, quadrados, rectângulos, subdivididos ou reticulados, círculos com diâmetros cruzados, covinhas, escutiiformes e podomorfos, entre outros motivos, deve pertencer aos tempos proto-históricos, designadamente à Idade do Bronze Final e à Idade do Ferro, quando ocorreu a denominada Cultura Castreja, pervivendo em período da colonização romana.

As gravuras rupestres denunciam a presença de santuários, onde se desenrolaram diversas actividades de carácter sócio-religioso, da responsabilidade de xamãs ou sacerdotes sendo, por vezes, reutilizados ao longo de milénios e de que aquelas são os únicos vestígios da acção antrópica, chegados até nós.

O rico acervo iconográfico do Monte de Góios, constitui importante legado da vida cognitiva ou espiritual das populações por ele responsáveis, informando-nos sobre a sua organização social, economia, tecnologias disponíveis e vida espiritual, como também sobre o ambiente natural, ao longo de larga diacronia.

Importa relevar, entre as manifestações de arte rupestre ali existentes, a Laje das Fogaças, devido à sua variada iconografia, constituída por mais de quatro centenas de imagens, ou seja, quase 50% das identificadas em todas superfícies estudadas, correspondendo, ainda, ao mais amplo espectro cronológico observado. Esta rocha decorada, verdadeiro palimpsesto, é, por certo, uma das mais importantes do Noroeste Peninsular.

Embora as gravuras resultem de linguagem codificada ou metafórica e de saberes diversos, é possível nelas identificar aspectos mitográficos, que constituem verdadeiros paradigmas do pensamento humano ou, mais especificamente, de certas culturas europeias. Ilustram este facto os pares de longos colubrídeos, cavalo transformado em veado, idoliiformes, pares de podomorfos, serpente e toirão afrontados, círculos solares, cavalos associados a círculos, cavaleiros, etc. Apesar dos paralelos que a arte do Monte de Góios evidencia em relação com outras ocorrências rupestres do Noroeste Peninsular, ou com a arte de outros complexos rupestres, como o do Vale do Tejo, ela possui características peculiares, de carácter artístico, ambiental e cultural, de que são exemplo as representações sidéricas de pequenos cavalos ou garranos. Às clássicas questões que nos colocam os testemunhos arqueológicos, como quando foram feitos, por quem e com que finalidades, somam-se às manifestações rupestres, que por comodidade chamamos artísticas, características enigmáticas e polissémicas, mas elas têm a capacidade de atraírem a nossa atenção e despertarem emoções, mesmo sem conhecermos o seu significado. Será que as imagens rupestres continuam a ser mágicas, como os nossos antepassados certamente as consideraram?

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Lara Bacelar (2005) – *Concessão Scut do Norte Litoral A 28/IC1 – Viana do Castelo – Caminha, Troço Ligação a Caminha, Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução (RECAPE)*. Património, Amb&Veritas, Lisboa.
- ALVES, Lara Bacelar (2006) – *IC1 – Viana do Castelo – Caminha, Ligação a Caminha, Relatório Técnico – Científico da Prospeção Arqueológica entre PKS 1+800 e 2+300*, Amb&Veritas, Lisboa.
- ALVES, Lourenço (1985) – *Caminha e o seu Concelho*. Caminha: Câmara Municipal de Caminha.
- ANATI, Emmanuel (1968) – *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*. Capo di Ponte: Edizioni del Centro Camuno di Studi Preistorici.
- BAPTISTA, António Martinho (1983-84) – Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Portugália*, nova série, vols IV/V, pp. 71-82, IV ests.
- BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e Abstracção, *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, pp. 31-55. Lisboa: Publicações Alfa.
- CARDOZO, Mário (1951) – Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, vol. LXI, pp. 5-80.
- COSTAS GOBERNA, Fernando Javier; NÓVOA ÁLVAREZ, Pablo (1993) – *Los Grabados Rupestres de Galicia*. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico de A Coruña.
- CUEVILLAS, Florentino Lopez (1943) – Las insculturas del Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- FEIO, Mariano (1948) – Notas geomorfológicas. I – Reflexões sobre o relevo do Minho. II – Em torno da interpretação dos terraços do Rio Minho, *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, vol. VII, pp. 31-54.
- GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século, *Arqueologia & História*, vol. 54, pp. 139-194.
- GOMES, Mário Varela (2007) – Arte rupestre em Portugal. Os últimos 25 anos, *Al-Madan*, II série, nº15, pp. 120-124.
- JALHAY, Eugénio (1926) – Los grabados rupestres del extremo sudoeste da Galicia: Alrededores de Oya. Provincia de Pontevedra, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense*, vol. VII, pp. 373-385.
- JALHAY, Eugénio (1932) – Novas descobertas pré-históricas no Sudoeste da Galiza e Norte de Portugal, *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, pp. 121-128, XIII ests, Madrid.
- JALHAY, Eugénio (2002) – Nuevos descubrimientos prehistóricos en el Suroeste da Galicia y Norte de Portugal, *Estudios Arqueológicos de Eugenio Jalhay*, pp. 31-53. A Guarda: Padroado do Monte de Santa Trega.
- LORENZO-RUZA, Ramón Sobrino (1957) – Bosquejo para un estudio de los petroglifos portugueses, *Caesaraugusta*, vols 7, 8, pp. 49-65.
- PINTO, Rui de Serpa (1929) – Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano XI, nº62, pp. 19-26.
- PROENÇA, Raúl (1965) – *Guia de Portugal. Entre Douro e Minho. II. Minho*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, Orlando (1961) – *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim Rodrigues dos (1940) – Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 327-376, XVIII ests. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários.
- SANTOS, Manuel Farinha dos (1972) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SARMENTO, Francisco Martins (1999) – *Antiqua. Aparentamentos de Arqueologia*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
- SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da; ALVES, Lara Bacelar (2005) – Arte rupestre pós-glaciária no Noroeste de Portugal, *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*, pp. 171-187. Vigo: Eixo Atlântico.
- SILVA, António Manuel dos Santos Pinto da; ALVES, Lara Bacelar (2005a) – Roteiro de arte rupestre do Noroeste de Portugal, *Arte Rupestre Prehistórica do Eixo Atlântico*, pp. 189-213. Vigo: Eixo Atlântico.
- TEIXEIRA, Carlos.; ASSUNÇÃO, Carlos Fernando Torre de (1961) – *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia Explicativa da Folha 1-C. Caminha*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- VALDEZ, Joana (2010) – *A Gravura na Arte Esquemática do Noroeste Peninsular. O Caso do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALDEZ, Joana (2013) – Schematic and Atlantic rock art: A comparative study. The case study of Monte de Góios (Lanhelas, Caminha), *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 13, pp. 7-34.
- VIANA, Abel (1929) – As insculturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto-Minho), *Portucale*, vol. II, nºs 10, 11, pp. 282-290, 350-356.
- VIANA, Abel (1959-60) – Insulturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço – Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, tomo XX, pp. 209-231.
- VIANA, Abel (1963) – Cividade de Âncora – Sua importância – explorações de 1960 e 1961, *Lucerna*, vol. 3, pp. 167-178.

	PI	PII	PIII	Total	%
colubrídeos			2	2	3,23
círculos	5			5	8,07
dois círculos concêntricos	2			2	3,23
três círculos concêntricos	2			2	3,23
quatro círc. concêntricos	1			1	1,61
círculo c/ covinha central	3			3	4,84
dois círculos c/ cov. central	3			3	4,84
três círculos c/ cov. central	3			3	4,84
círc. c/ cov. c. e círc. de cov.		3		3	4,84
círculo c/ cov. e diâmetro	1			1	1,61
círculo c/ disco central		1		1	1,61
disco		1		1	1,61
covinhas			31	31	50,00
covinhas em quadrado			1	1	1,61
seis cov. em rectângulo			1	1	1,61
raqueta	1			1	1,61
grelha			1	1	1,61
total	21	5	36	62	100,00
%	33,87	8,06	58,07	100,00	

Quadro I – Síntese iconográfica da rocha da Bouça Velha (r. 69).

	PI	PII	PIII	PIV	P?	Total
antropomorfo	1					1
cavalo				1		1
colubrídeos		1	1			2
rectângulo			1			1
círculo		1				1
oval		1				1
octógono de cov.			1			1
covinhas		4	1		8	13
linha				1		1
total	1	7	4	2	8	22

Quadro II – Síntese iconográfica da rocha Cruzeiro Velho 2 (r. 5).

	PI	PII	PIII	PIV	Total
círculo concêntrico	1				1
círculo c/ cov. central	1				1
covinhas		4			4
serpentiforme			1		1
trapézio				1	1
Total	2	4	1	1	8

Quadro III – Síntese iconográfica da rocha Cruzeiro Velho 4 (r. 95).

	PI	PII	PIII	P?	total
cavalo			1		1
podomorfos		4			4
barra				1	1
círculos	3				3
círculo c/covinha central	1				1
círculo c/ ponto central	1				1
covinhas				2	2
total	5	4	1	3	13

Quadro IV – Síntese iconográfica da rocha Cruzeiro Velho 5 (r. 100).

	PI	PII	PIII	PIV	PV	P?	total
cavalos	2				2		4
colubrídeos			2				2
círculos		6					6
dois círculos conc.		2					2
três círculos conc.		1					1
círc. de cov.				1			1
linha de cov.				1			1
covinhas				2	5		7
composição				1			1
linha						1	1
total	2	9	2	5	7	1	26

Quadro V – Síntese iconográfica da rocha Boucinha 1 (r.34).

	PI	PII	PIII	PIV	PV	PVI	PVII	PVIII	P?	Total	%
antropomorfos			3			1				4	3,58
podomorfos				2						2	1,79
par de podomorfos				1						1	0,89
cavalos	1	3				7				11 (+1)	9,82
veado	1									1	0,89
cabra		1								1	0,89
furão									1	1	0,89
colubrídeos				3	7	5				15	13,39
viperídeo						1				1	0,89
machado (?)						1				1	0,89
semicírculo				1						1	0,89
círculos			1	3					3	7	6,25
dois círc. conc.				3						3	2,68
três círc. conc.				2						2	1,79
quatro círc. conc.				2						2	1,79
círc. c/ cov. central				2						2	1,79
dois círc. c/ cov. central				3						3	2,68
três círc. c/ cov. central				1						1	0,89
quatro círc. c/ cov. central				1						1	0,89
disco				1						1	0,89
coroa circular				1						1	0,89
ovais				2					2	4	3,58
covinhas						4	26			30	26,79
círc. de cov. c/ cov. central							1			1	0,89
dois círc. de cov. c/ cov. central							1			1	0,89
rectângulos					2					2	1,79
rectângulo picotado					1					1	0,89
rectângulo reticulado					1					1	0,89
ziguezagues			2							2	1,79
linhas								5	1	6	5,36
barra			1							1	0,89
leteriforme								1		1	0,89
Total	2	4	7	28	11	19	28	6	7	112	100
%	1,79	3,58	6,25	25,00	9,82	16,96	25,00	5,36	6,25	100	

Quadro VI – Síntese iconográfica da rocha 1 das Carvalheiras.

	PI	PII	PIII	P?	Total
cavalos	5				5
covinhas		5			5
linha		1			1
mancha				1	1
cruciforme			1		1
total	5	6	1	1	13

Quadro VII – Síntese iconográfica da rocha 2 das Carvalheiras.

	Total	%
covinhas	61	87,14
covinhas geminadas	1	1,42
círculos de covinhas c/ cov. central	1	1,42
círculos c/ cov. central	2	2,87
hexágono de covinhas c/ cov. central	1	1,42
rectângulos	2	2,87
linhas	2	2,87
total	70	100

Quadro VIII – Síntese iconográfica da rocha Carvalheiras 3 (r. 93).

	PI	PII	PIII	P?	Total
cavalos		2			2
podomorfos	2				2
covinhas			3	14	17
total	2	2	3	14	21

Quadro IX – Síntese iconográfica da rocha Carvalheiras 4 (r. 94).

	Total	%
antropomorfo	1	0,25
equídeos	11	2,71
quadrúpede ind.	1	0,25
colubrídeos	21	5,17
serpentina	1	0,25
zigzagues	2	0,49
podomorfos	13	3,20
par de podomorfos	2	0,49
linhas	10	2,46
triângulo	1	0,25
quadrados	7	1,72
quad. cont. diâm. cruz.	2	0,49
quadrado reticulado	1	0,25
trapézio	1	0,25
rectângulos	13	3,20
rectângulo subdividido	5	1,23
rectâng. cont. diâm. cruz.	1	0,25
rectângulo reticulado	7	1,72
círculos	96	23,65
dois círc. concêntricos	20	4,93
três círc. concêntricos	4	0,98
seis círc. concêntricos	1	0,25
círc. cont. ponto central	4	0,98
dois círc. conc. c. ponto central	6	1,47
dois círc. conc. c. cov. central	3	0,73
disco cont. ponto central	1	0,25
círc. cont. cov. central	12	2,95
três círc. cont. c. cov. central	2	0,49
quatro círc. conc. c. cov. central	1	0,25
círc. cont. cov. e raio	1	0,25
círc. cont. dois diâm. cruzados	23	5,66
círc. cont. cinco raios	1	0,25
círc. cont. três diâm. cruzados	1	0,25
círc. cont. cov. e diâm. cruzados	1	0,25
coroas circulares	5	1,23
discos	3	0,73
disco cont. dois diâm. cruzados	1	0,25
ovais	28	6,90
oval cont. diâm.	2	0,49
oval reticulada	1	0,25
oval subdividida	1	0,25
oval c. circ. radiado	1	0,25
mancha oval	1	0,25
idoliformes	9	2,22
escutiformes	12	2,96
cruciformes	4	0,98
covinhas	59	14,53
artefacto (?)	1	0,25
canaleta	1	0,25
total	406	100,00

Quadro X – Síntese iconográfica da Laje das Fogaças.

	Total	%
covinhas	64	88,89
covinha geminada	1	1,39
covinha c/ apêndice	1	1,39
círculos c/ covinha central	5	6,94
losango c/ covinha central	1	1,39
total	72	100

Quadro XI – Síntese iconográfica da rocha Castelhão 1 (r. 45).



Figura 1 – Vista do Monte de Góios e da Serra da Gávea, a partir de Santa Trega (foto M. V. Gomes).

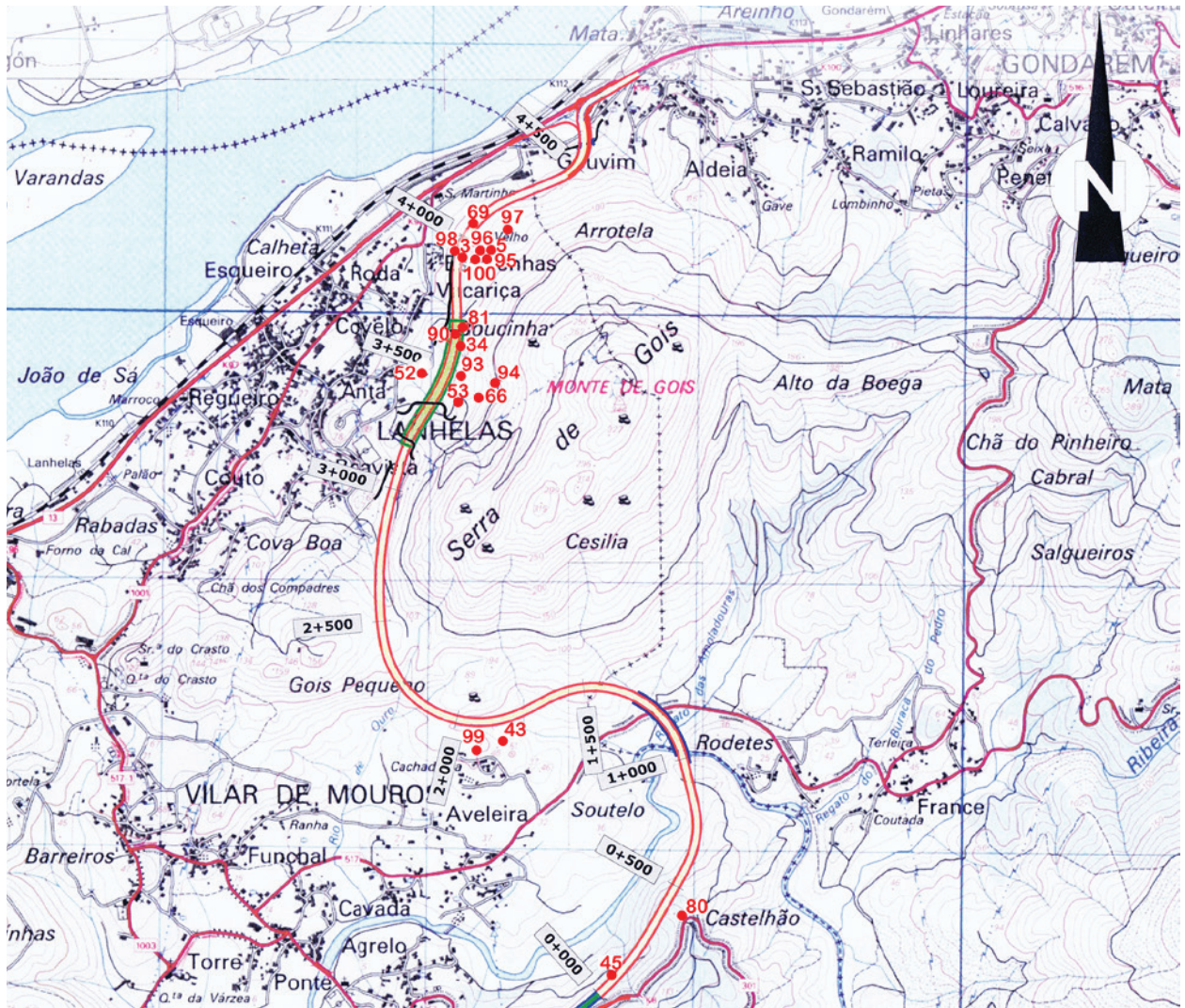


Figura 2 – O Monte de Góios, Lanhelas, e as rochas decoradas pré e proto-históricas (seg. a C.M.P., nº 14, Caminha).

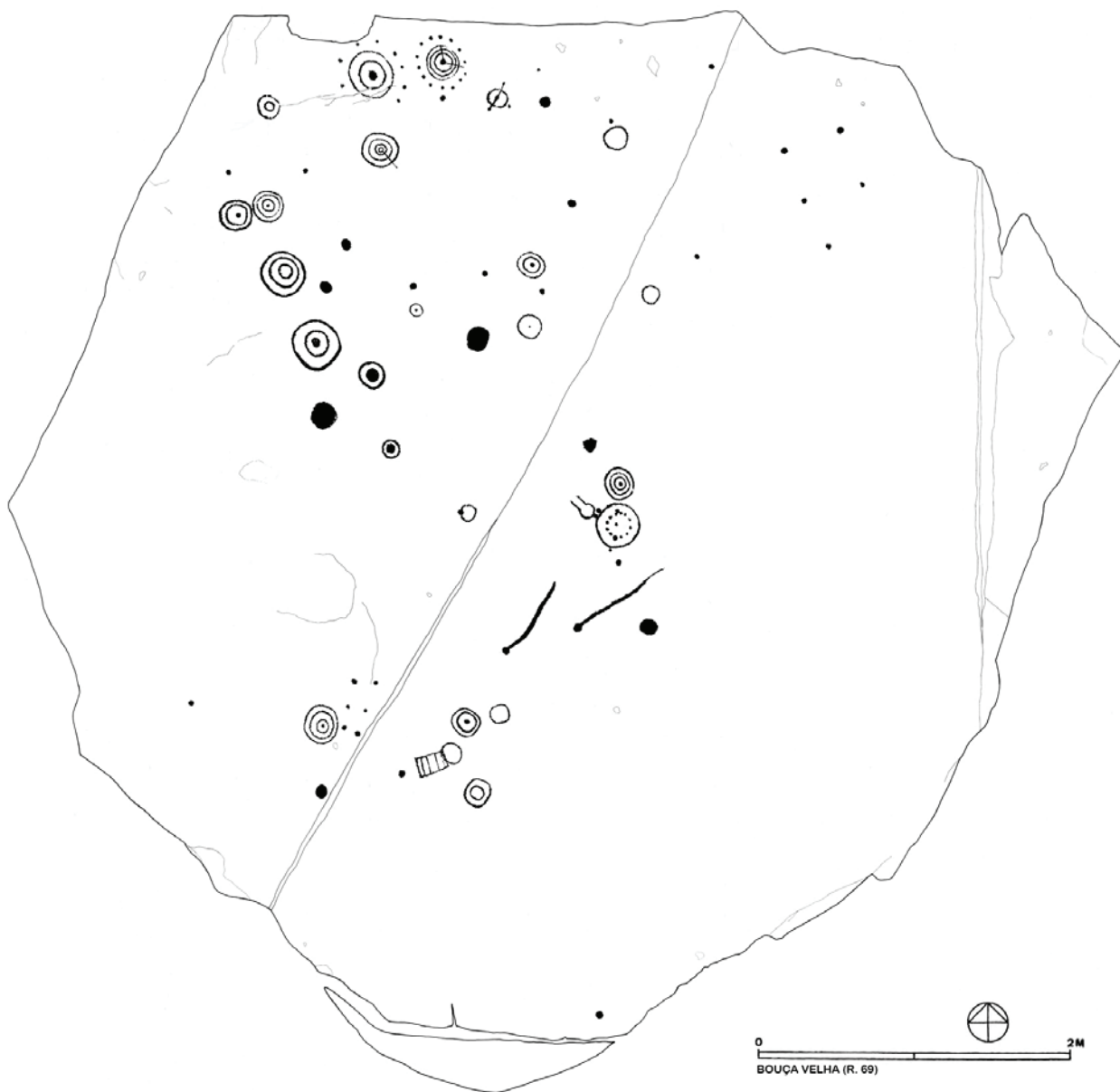


Figura 3 – Bouça Velha (r. 69). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).



Figura 4 – Cruzeiro Velho 1 (r. 97). Planta (seg. M. V. Gomes).

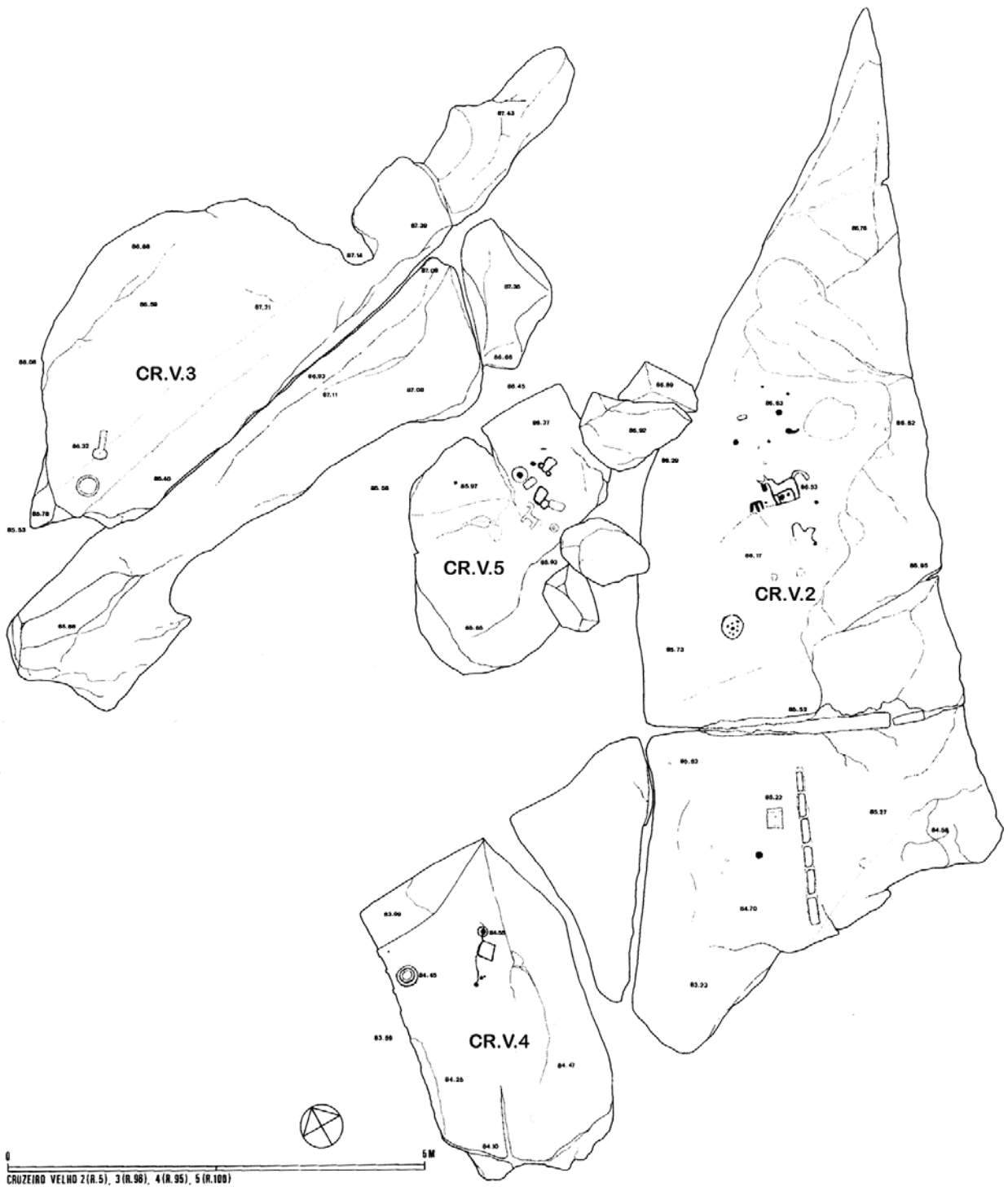


Figura 5 – Cruzeiro Velho 2 (r. 5), 3 (R.96), 4 (R.95) E 5 (R.100). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

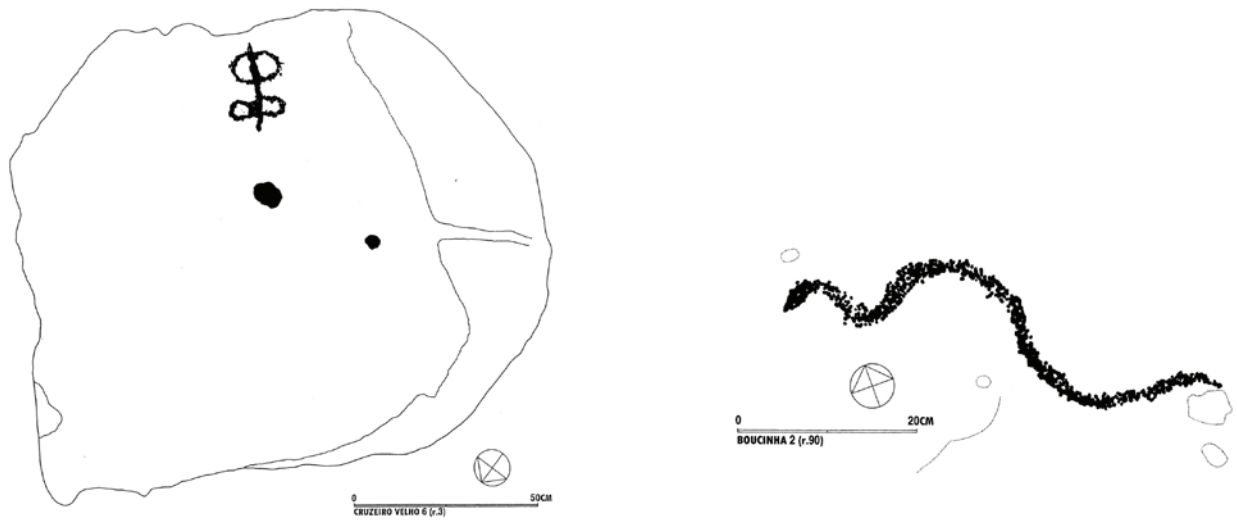


Figura 6 – Cruzeiro Velho 6 (r.3) e Boucinha 2 (r. 90). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).



Figura 7 – Boucinha 1 (r. 34). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).



Figura 8 – Boucinha 3 (r. 31). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

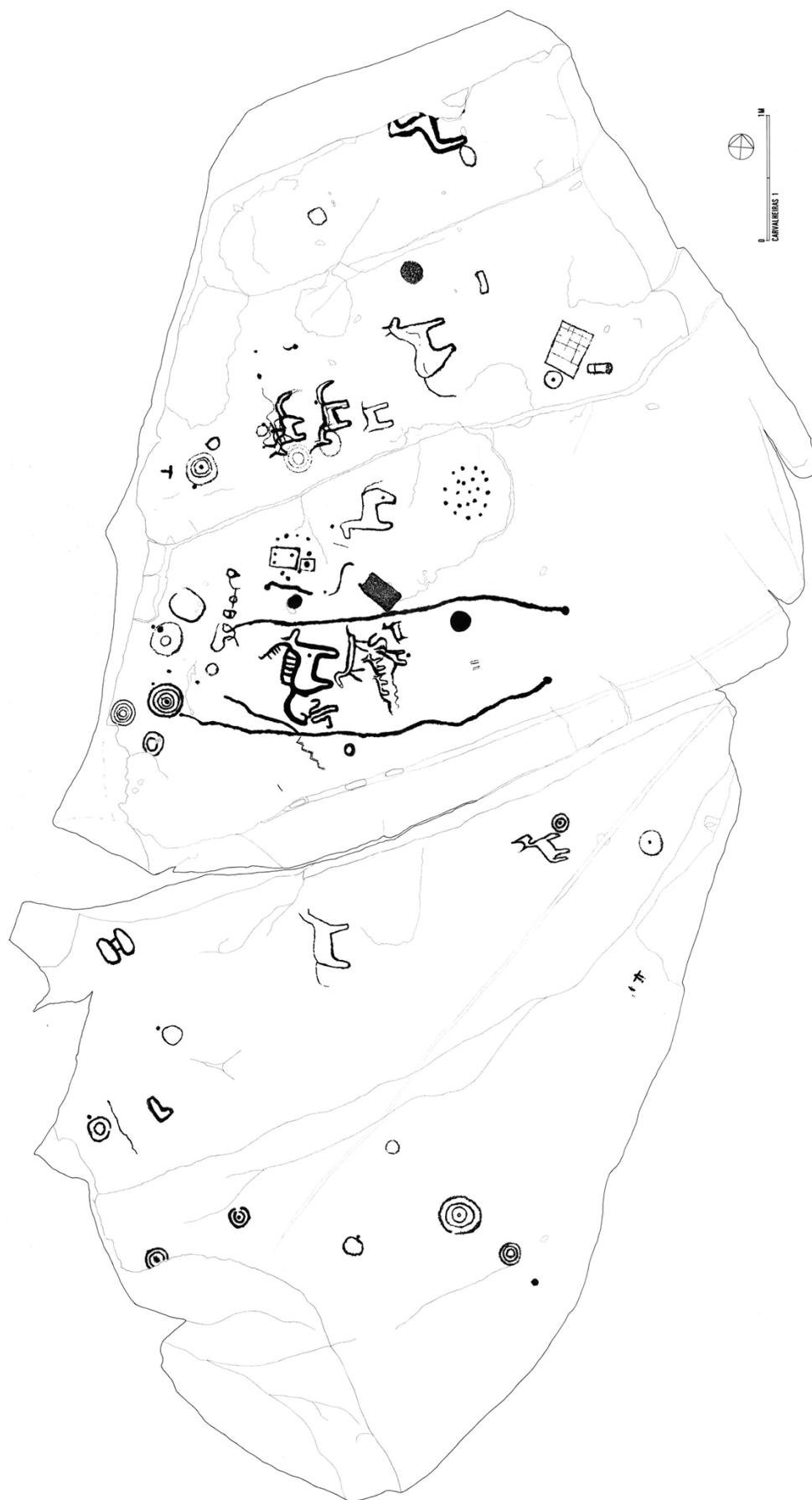


Figura 9 – Carvalheiras 1 (r. 53). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

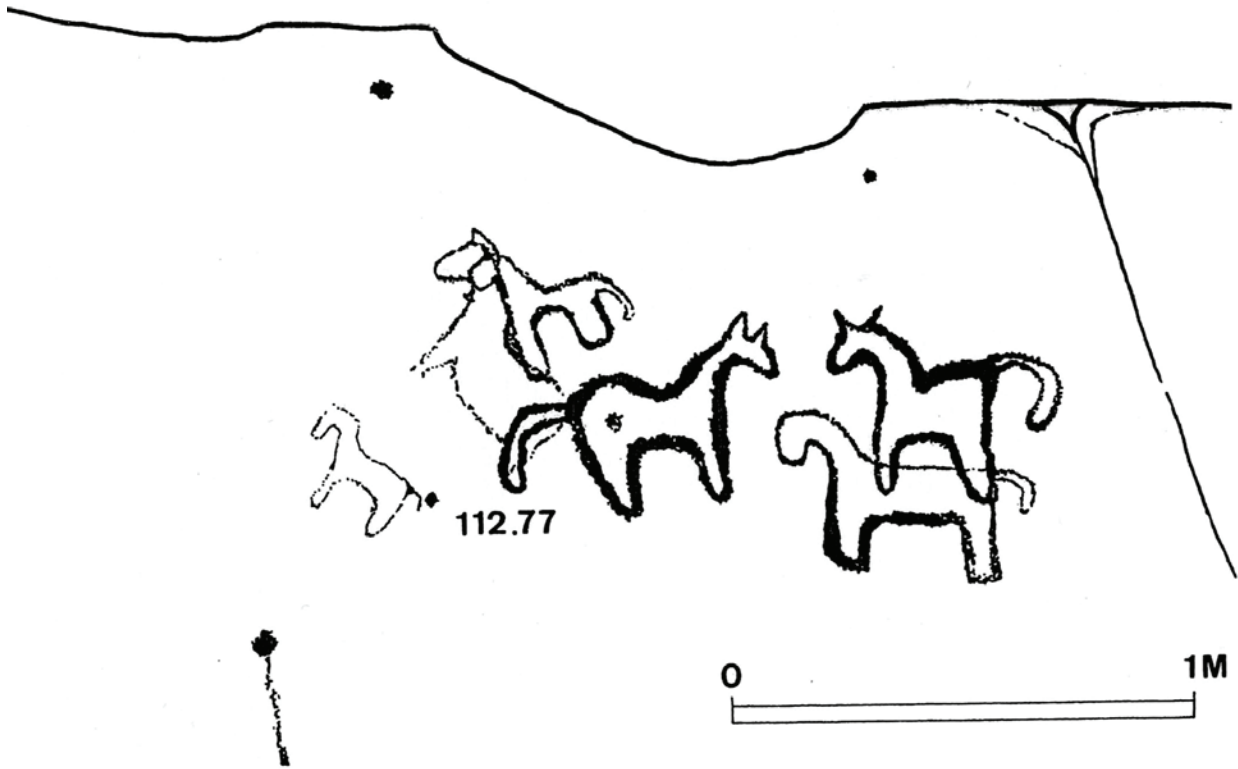


Figura 10 – Carvalheiras 2 (r. 66). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

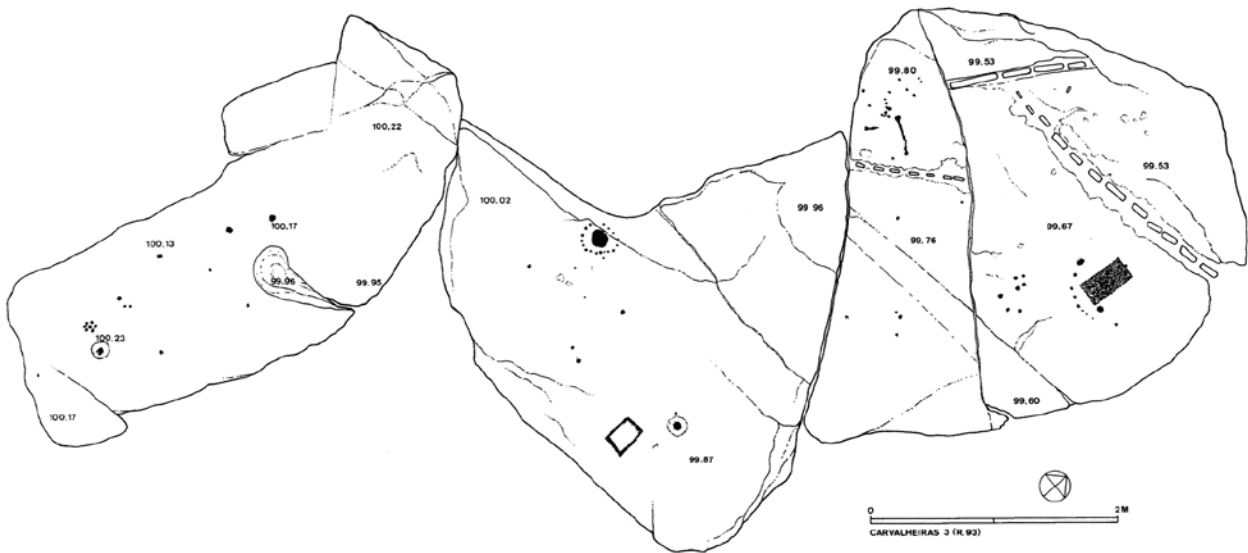


Figura 11 – Carvalheiras 3 (r. 93). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

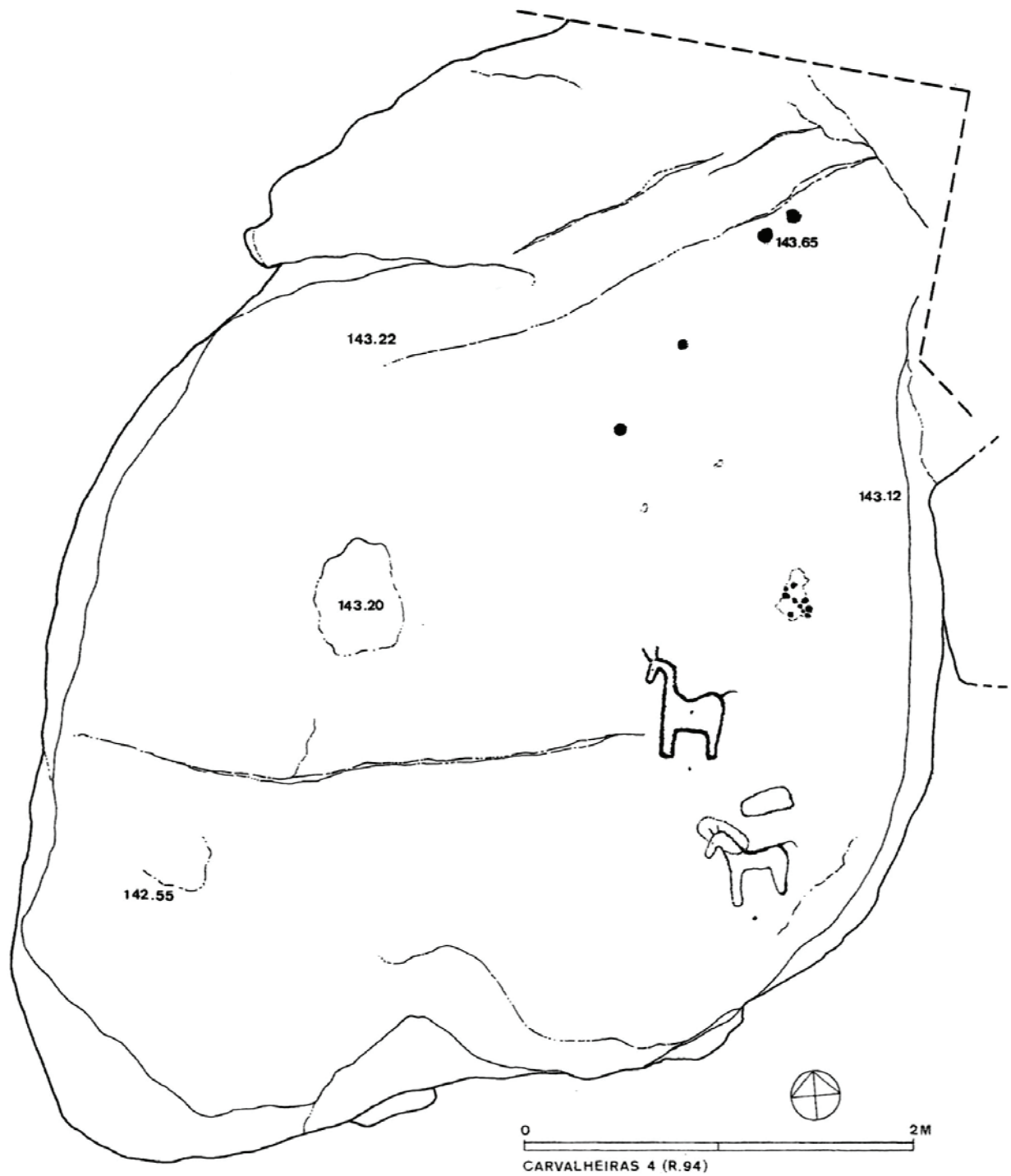


Figura 12 – Carvalheiras 4 (r. 94). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).



Figura 13 – Laje das Fogaças (r. 52). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

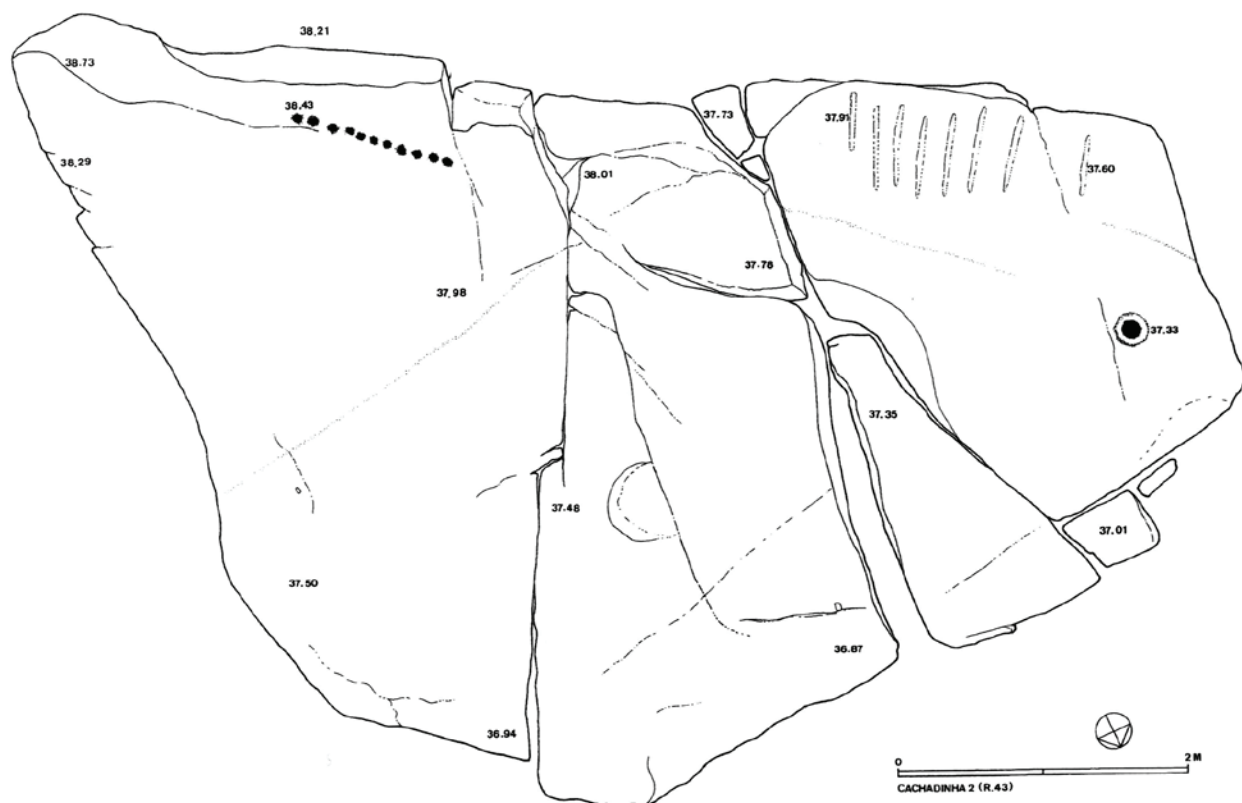


Figura 14 – Cachadinha 2 (r. 43). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).

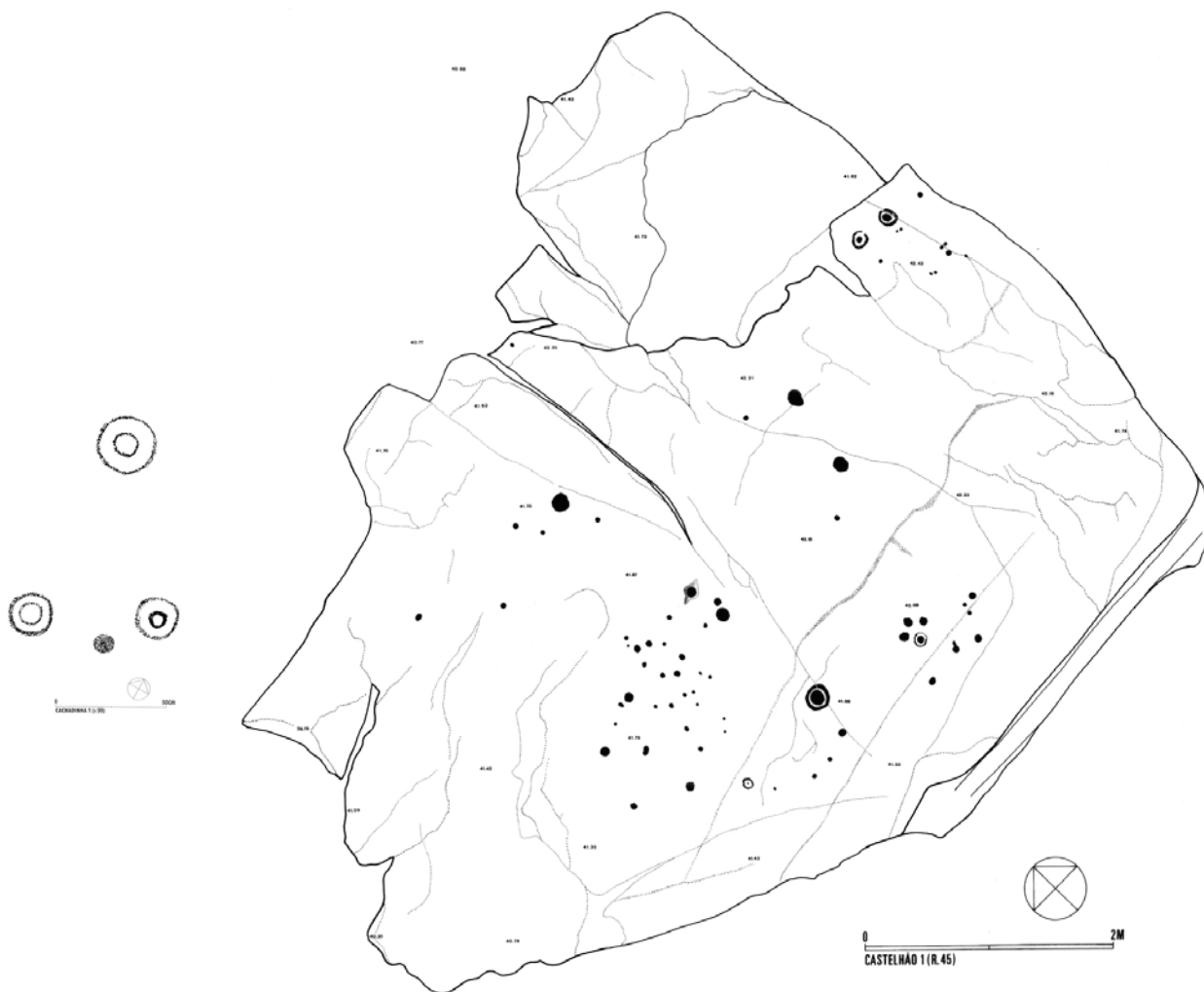


Figura 15 – Cachadinha 1 (r. 99) e Castelão 1 (r. 45). Levantamento das gravuras (seg. M. V. Gomes).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
municipal do porto

